

RESUMO

Este estudo analisa os textos de Tito Mukhopadhyay, autista-escritor, que são retratos de sua luta para se liberar do isolamento autístico, sendo abordados o espelhamento e a identificação com duplos como pilares da constituição de uma imagem do corpo próprio no autismo. A invenção da escrita de Tito retrata os efeitos terapêuticos da escrita, evidenciando sua importância enquanto importante ferramenta de (auto)tratamento no autismo, fornecendo-nos indícios das condições nas quais é possível a saída do fechamento autístico, através de suas diversas estratégias inventadas que, com uma eficácia relativa, permitem-lhe manter seus pseudópodes estendidos em direção aos outros.

Descritores: *psicanálise; autismo; cuerpo.*

A ESCRITA TERAPÊUTICA DO AUTISTA-ESCRITOR TITO MUKHOPADHYAY

Marina Bialer

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i2p390-411>.

Introdução

Tito Rajarshi Mukhopadhyay, um jovem autista indiano diagnosticado com um quadro severo de autismo, tem uma intensa produção de histórias, poemas, contos e reflexões autobiográficas publicada em quatro livros. Na infância, manifestava mutismo autístico e foi diagnosticado inicialmente com retardo mental, demonstrando incapacidade de realizar atividades básicas do cotidiano

■ Psicóloga. Doutora em Recherches en Psychopathologie et Psychanalyse pela Université Paris 7 Denis Diderot.

Pós-doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), São Paulo, SP, Brasil.

ou demonstrar compreender o que era dito. Além do mutismo, Tito apresentava extrema dificuldade de relacionamento com outras pessoas, retraimento em um mundo à parte, severa dificuldade para coordenação motora, comportamentos estereotipados, busca de mesmice e mutismo. O prognóstico inicial dado à família Mukhopadhyay era o de que Tito nunca seria capaz de ler, escrever ou compreender o mundo a sua volta. Ao contrário dessas previsões oficiais desalentadoras, sua mãe Soma detectou desde cedo que ele manifestava alguns sinais que eram indícios de que era capaz de entender o que ocorria e progressivamente inferiu a hipótese de que sua capacidade intelectual estaria de fato intacta.

Apostando que havia um sujeito pensante e sensível por trás das manifestações autísticas, Soma decidiu educar Tito, lendo para ele os mais diversos assuntos, tanto em bengali quanto em inglês. Notando que ele se mostrava interessado e capaz de compreender as mais variadas temáticas, mas não falava, ela inventou um método pelo qual ele apontava as letras em um tipo de tabuleiro. Soma começou a utilizar esse método alternativo de letramento quando Tito tinha três anos e meio, e quando ele tinha oito anos de idade, já era capaz de escrever, expressar seus pensamentos e sentimentos, apontando letra por letra nesse tabuleiro, para construir “estórias e poemas de um *insight* surpreendente, para qualquer um de sua idade” (Mukhopadhyay, 2011). Quando Tito tinha onze anos de idade, Soma editou uma coletânea de textos de seu filho que foi publicada sob o título *Beyond the silence*. Posteriormente, em 2003,

com novos poemas, foi publicado *The mind tree* (Mukhopadhyay, 2011c), sendo que a primeira parte do livro, intitulada “The voice of silence”, é constituída pelos textos escritos quando Tito tinha oito anos.

Inicialmente ele precisava do contato de Soma oferecendo um apoio a sua mão, que progressivamente se descolocou para um leve toque em seu ombro e, finalmente, pôde ser retirado qualquer contato, e ele se tornou capaz de escrever sozinho, utilizando atualmente programas de computador que leem o que ele digita – pressionando cada letra com seu dedo, digitando, assim, letra por letra o que quer dizer. Se, atualmente, já adulto, Tito é capaz de falar algumas frases com muita dificuldade, sua expressão escrita se tornou cada vez mais fluente e elaborada, e permanece sendo seu principal meio de comunicação.

A seguir é citado um trecho escrito pela psiquiatra e pesquisadora no campo do autismo Lorna Wing a respeito da avaliação de Tito realizada pela National Autistic Society. Ela conta que já considerava que alguns autistas podiam demonstrar talentos excepcionais na área visual-espacial, memória utilizada para cálculo de calendários etc., mas que antes de conhecê-lo todos os especialistas viam com desconfiança que um autista com baixo funcionamento pudesse manifestar habilidades excepcionais enquanto escritor.

Aparentemente Tito era capaz de usar palavras longas em sentenças complexas e expressar pensamentos filosóficos sobre a vida. Isso não seria muito surpreendente em um adulto com um padrão de comportamento descrito por Asperger, com boa linguagem expressiva e um alto nível de habilidades gerais.

O incrível a respeito de Tito era que, aos onze anos, ele só conseguia fazer alguns sons que se aproximavam de palavras. Ele tinha algumas capacidades práticas básicas, mas era completamente dependente de seus pais, principalmente de sua mãe... o comportamento observável de Tito era exatamente aquele de uma criança muda com autismo clássico (Wing, 2011, p. ix-x, tradução nossa).

A escrita terapêutica no autismo

A escrita de Tito lhe permitiu colocar em palavras o que vivenciava e traduzir a lógica de seu autismo. Seus escritos são pseudópodes tanto no sentido de se direcionarem aos leitores, oferecendo um compartilhamento da subjetividade, quanto pelos efeitos terapêuticos que o fato de escrever viabilizaram para Tito, evidenciando a importância terapêutica da escrita na clínica do autismo. A possibilidade de o autista abandonar a fortaleza autística em direção ao outro humano exige que o autista possa estender seus pseudópodes em direção ao mundo. Por meio de sua escrita, Tito elaborou questões de intensa importância subjetiva no campo do autismo: como se apropriar do fluxo de energia vital, a (não) imbricação entre o corpo e a mente, a dependência de um apoio externo para adquirir um movimento mais dinâmico, a importância da extensão de pseudópodes para seu psiquismo, o medo diante da imprevisibilidade do mundo e o desamparo. Neste texto elaboraremos essas questões prementes na clínica do autismo

clássico, a partir de sua personificação na árvore-mente que se desdobrou em uma árvore-cigana, que, enraizada no chão, pode se libertar por meio de sua mente cigana, concomitante ao trabalho de elaboração psíquica.

O nascimento da árvore-mente

Em *The mind tree*, Tito personifica seu nascimento como uma árvore-mente (Mukhopadhyay, 2011c). É um ato de origem sem, no entanto, a encarnação de uma filiação. A árvore não sabe quem lhe deu a vida, somente registrou o som de uma voz que o nomeou e lhe deu uma mente. Tal nascimento sinaliza o surgimento de um ser nascido independente do Outro simbólico. Aliás, o próprio Tito compara tal nascimento ao plantio feito por alguém, a uma semente deixada cair por um pássaro ou a uma autogerminação por meio das folhas de outra árvore já existente. A origem do psiquismo nesse caso não decorre de um traço unário do Outro simbólico, mas de uma autogeração ou uma modalidade de nascimento não oriunda do Outro.

No decorrer do conto, todavia, a árvore se autoimagina como uma filiação humana: trata-se de um velho homem eremita já falecido, que procurava abrigo e proteção embaixo da árvore. Esse homem, de quem a árvore nunca escutou a voz, mostrou-se sensível a seu sofrimento, cuidando de um galho quebrado e tentando aliviar sua dor. O toque empático desse homem marcou a árvore com o sentimento de amor e compreensão, estimulando nela a imaginarização de sua voz e no devaneio de que essa voz seria a que teria originado seu nascimento.

Nessa filiação da mente da árvore a um humano, é interessante o fato de que a voz desse homem, enquanto objeto pulsional, marcado pelo gozo, está ausente, mas que pode ser inventada ou autogerada pelo tratamento imaginativo de Tito. Outro elemento interessante é o fato de que a vontade de estabelecer um laço mais intenso com esse homem se origina na capacidade do homem

se preocupar com a árvore e de ver os sinais de sofrimento da árvore que até então eram imperceptíveis aos outros humanos. Se por um lado a árvore não tem estruturalmente o traço constitutivo do Outro à origem de seu nascimento, por outro, ela se inventa uma voz originária, sem o traço do gozo, o que lhe permite se fabricar um nascimento via um humano, destacado do gozo.

No conto, a partir do momento originário do nascimento da mente, tem início a existência da árvore enquanto ser pensante e sentimental. Antes disso, ela era uma árvore como as outras, mas depois de seu nascimento, a árvore-mente pensa, imagina e sente, mas não pode se expressar, falar ou se mover. Além disto, a árvore não tem acesso à imagem de si e nem a uma imagem completa dos outros, e não pode se apropriar do próprio corpo para realizar movimentos voluntários. Há uma existência da árvore como mente pensante e sensível e como ser da natureza, instintual, mas há a ausência de uma conexão com o corpo libidinal.

A árvore-mente, que é a narradora em primeira pessoa do conto, faz uma distinção entre uma árvore-mente como ela e as outras árvores que são somente plantas sem uma mente, incapazes de julgamento e de pensamento, dotadas somente de instintos. Há também outros seres que são dotados de uma mente como, por exemplo, a terra. A terra pode pensar e sentir, mas assim como em

relação à árvore, as pessoas não supõem que ela seja sensível ou pensante. Uma das questões sobre as quais a árvore reflete é o fato de que embora tenha deduzido que a terra tem uma mente, ela não consegue saber onde essa mente se localiza dentro do corpo da terra.

Através do contato com a terra, a árvore pode sentir que a terra tem uma vida, sente o pulsar de seu coração e deseja que suas raízes penetrassem tão profundamente na terra que pudessem encontrar seu coração escondido. A existência dessa vitalidade não humana se torna o foco de interesse da árvore, que busca compreender a origem da energia vital e os movimentos da natureza. A impossibilidade de se apropriar dessa energia vital pode ser compreendida como uma das manifestações da falta de ancoragem do simbólico no corpo, da não inscrição do traço simbólico que inscreve no corpo a linguagem.

Por intermédio de sua escrita, Títo tenta inventar maneiras de poder se apropriar da energia vital. No conto, com seu coração, a árvore pode coletar energia de fontes como as estrelas e o ar, que entram em seu corpo por meio da respiração de suas folhas e são, então, transmitidas por todo seu corpo. A terra, no entanto, suga essa energia pelas raízes usadas pela árvore para se fixar no chão e a árvore depende desse modo de estar presa, fixada pelas raízes, para ter acesso à fonte de energia que advém da terra. Como consequência, todo seu movimento mais dinâmico depende quase que exclusivamente da presença-ausência do vento.

A árvore permanece desse modo, fixa no chão, dependendo da conexão com o

vento para dinâmicas mais intensas de seu corpo: desconectada, a árvore fica imóvel, ou seus movimentos são tão discretos que são imperceptíveis aos olhares dos outros. Utilizando de um grande esforço mental, a árvore pode realizar pequenos movimentos de seus galhos e folhas, mas não consegue nunca ser vista. Vários desses movimentos voluntários são direcionados a humanos, quando, por exemplo, tocada pelo sofrimento de um homem, a árvore realiza um movimento para confortá-lo, ou, encantada com a alegria de um grupo de homens, a árvore tenta lhes dar boas-vindas. Nesse âmbito, a árvore sinaliza uma impossibilidade de acesso à dimensão libidinal-energética que acarreta obstáculos extremos tanto para sua possibilidade de mobilidade, quanto para o estabelecimento de relacionamento com os outros seres.

É interessante ressaltarmos a premente vontade da árvore de estabelecer contato com os outros, mas essas várias tentativas de comunicação não são compreendidas ou são imperceptíveis. Se, por um lado, a árvore fica feliz nessas pontes de contato com os outros seres, por outro, ela está à mercê desses seres, sem ter recursos para se defender ou filtrar o que vem do outro, seja bom ou ruim.

A árvore-mente fica presa no chão, ancorada por suas raízes, mas, com seus galhos e folhas, pode entender seus pseudópodes. A árvore gostaria de se mover e sente inveja dos animais e pessoas que conhece

e que são dotados de motilidade. Estruturalmente imóvel, o recurso que a árvore cria é o uso de sua imaginação: ela começa a imaginar mentalmente a vida desses outros seres e esse trabalho imaginativo preenche sua vida.

Através de seus pseudópodes folhas e galhos, a árvore tem acesso aos pensamentos e sentimentos; os pseudópodes raízes permitem o contato com a terra enquanto fonte de vitalidade e fonte de uma essência existencial, mas a árvore não consegue se apropriar dessa energia, embora uma parte desta possa circular por seu corpo, assegurando sua existência, ou os movimentos involuntários mínimos necessários para a sobrevivência. Há a caracterização de uma energia que circula pelo mundo, mas que a árvore não consegue mobilizar ou incorporar estruturalmente, sua mobilidade dependendo da presença -ausência do vento. Em decorrência disso, a presença do vento assegura à árvore uma dinâmica mais significativa e sua ausência implica uma existência quase inerte, de modo que a árvore fica suscetível a ventos muito fortes, que podem fazê-la balançar em demasia, originando um intenso medo de que pudesse ser desenraizada e morta. É tamanha a dependência do vento que suas flutuações como fonte de energia são vividas como extremamente ameaçadoras para a sobrevivência. Nesses momentos, a árvore vive momentaneamente o vento como outro perseguidor, que

pode ter prazer em causar sofrimento a ela e a outros seres indefesos.

Um exemplo pode ser elucidativo a esse respeito. No conto, a árvore relata que em um dia ventoso, no qual seus galhos eram intensamente balançados, havia um ninho de filhotes de passarinho que buscava proteção em seus galhos. Com o aumento da intensidade dos ventos, a vibração foi invadindo o corpo da árvore, ao caos no mundo a sua volta, de todos os seres que se agitavam confusamente diante da ameaça de uma tempestade.

A invasão por uma energia desregulada e o perigo da dependência total de outro como fonte de energia são dois importantes aspectos retratados nesse trecho que sinalizam características do funcionamento psíquico autístico. Em uma etapa que a vitalidade precisa essencialmente da conexão a outro, que não está sob o controle do autista, essa relação pode se tornar ameaçadora para o autista, ao depará-lo com um total desamparo e incapacidade de proteção e defesa, como podemos observar no trecho seguinte.

Os pequenos passarinhos tentam, inicialmente, encontrar amparo um junto ao outro, no ninho, mas com o aumento da ameaça de chuva, um dos filhotes cai no chão ao tentar escapar, quebrando uma perna. A árvore é tomada por um intenso sofrimento, em empatia pela dor do pequeno ser, ao mesmo tempo que depara com sua impossibilidade de realizar sozinha qualquer movimento para ajudá-lo. Tal trecho sinaliza uma vivência de intenso desamparo perante o imprevisto, a impossibilidade de defesa e a capacidade de sentimento de empatia.

Apesar do esforço da árvore em se sustentar contra o vento, este se torna tão forte que ameaça arrancar o tronco que lhe garante a existência ao fixá-la na terra. A árvore não consegue mais lutar e não tem força suficiente para se defender, e alguns de seus galhos são fragmentados, caindo sobre o desamparado passarinho e matando-o. Podemos apontar nesse trecho a importância da vivência de ameaça da própria existência, de fragmentação do corpo próprio em decorrência da incapacidade de defesa e da ação motora involuntária de assassinato do outro por quem sente empatia.

A árvore é tomada por um sentimento de culpa tão intenso que ofusca a possibilidade de sentir a dor de seu próprio corpo, que acabou de perder um pedaço de si. A anestesia da dor do corpo quebrado é concomitante a uma intensa dor psíquica. É interessante assinalarmos a perda da capacidade do sentimento do corpo próprio diante de uma dor psíquica demasiadamente intensa, permitindo uma sobrevivência, à custa de um corte entre a mente e o corpo.

A árvore-mente sai desse episódio se descrevendo uma sobrevivente, sendo a morada dos demais passarinhos que, no entanto, perderam a confiança nela como um lar seguro. Os filhotes são ainda pequenos demais e não têm outros recursos motores para ir embora. A impossibilidade de defesa, tanto da própria árvore quanto daqueles por quem ela sente empatia e que gostaria de proteger, acarreta que a árvore se sinta perigosa e merecedora da desconfiança sobre sua capacidade de ser um lar seguro.

O trabalho imaginativo de Tito escrever sobre essa relação é uma maneira de ele elaborar psiquicamente sua vivência de falta de recursos psíquicos para poder se defender e de tentar encontrar soluções menos frágeis, sendo que a temática do desamparo diante dos acasos do real reaparece no conto, quando a árvore é usada para amarrar um cavalo cujo dono foi assassinado por uma razão desconhecida. O apavorado cavalo poderia estar livre para viver na natureza sem um dono, mas permanece preso à árvore, incapaz de se soltar. Sem ninguém escutar seus relinchos por socorro, ele fica preso até morrer de sede, fome e ser devorado por abutres e chacais. A árvore sofre intensamente, empática ao sofrimento do cavalo e angustiada durante os dias em que ele permanece preso, imóvel, incapaz de se defender e cujos pedidos de ajuda não são escutados pelas pessoas. Podemos assinalar o reaparecimento, nesse trecho, da empatia com o sofrimento, o desamparo absoluto, a falta de defesa, a ameaça existencial e os pedidos de ajuda que não são reconhecidos.

Se por um lado tais trechos apontam para relações de dependência vital que resultam em desamparo e ameaça existencial, por outro, as relações da árvore com os outros seres da natureza, com os quais não há uma intensa dependência, são laços que a árvore anseia e que não lhe produzem ameaça existencial. Um interessante exemplo é a relação com uma jovem que a árvore apelida de Primavera. Primavera vai até a árvore, brinca nela, diverte-se e encanta a todos na natureza com sua beleza e alegria, fazendo que todos se apaixonassem por ela, inclusive a árvore. É interessante apontarmos o aparecimento dos sentimentos de alegria, diversão, beleza e paixão nesse trecho, sinalizando uma zona de prazer nas inter-relações estabelecidas pela árvore.

Além da Primavera, a árvore recebe a visita de outros homens, por exemplo, anualmente, mulheres da região vão até ela fazer oferendas, confidenciando seus segredos e desejos. Nesses rituais, elas se dirigem à árvore como um ser sagrado e a árvore se considera abençoada e sagrada por poder receber essas oferendas e partilhar os segredos humanos. Vale a pena salientarmos a presença do prazer no estabelecimento do laço com os outros, retratado por meio dos escritos de Tito e que corrobora com a posição subjetiva retratada na obra de vários outros autistas. Há, desse modo, o risco existencial decorrente do encontro com o caos e os imprevistos nos laços de dependência total, e há outros laços nos quais surgem encontros que trazem alegria, beleza e diversão à vida da árvore.

Outro importante marco no dia da árvore é a visita de um homem que alimenta os corvos que descansam em seus galhos quando o calor está forte, por volta do meio-dia. Através do modo como esse homem murmura a música, a árvore percebe seu humor e é tocada pelo sentimento que esse homem experiencia, tendo vontade de se comunicar com ele, mas não sendo capaz. Embora seja quase imperceptível, a árvore realiza movimentos em direção ao homem, demonstra novamente ter satisfação quando está em contato com os outros e se diverte na visita de humanos, batendo, inclusive, suas folhas de alegria. Mas na ausência do vento, ninguém vê que as folhas estão se movendo.

Podemos apontar que, nessa situação, na árvore presa na própria mente, surge novamente uma mente imaginativa, sensível aos outros, mas com uma inacessibilidade a uma força energética vital. Periodicamente a árvore tem a perda de suas folhas secas e é preciso que o vento balance essas folhas para que elas caiam, destacando-se da árvore, perdendo o último fio de vida, ou o que é descrito por Tito como o término de sua essência de vida. As folhas caídas são, então, coletadas pelo homem que, com estas, faz um fogo e o calor produzido é absorvido pelo corpo da árvore. A energia absorvida procura, então, o coração da árvore para secar as lágrimas escondidas na profundidade de seu ser, em um circuito energético-afetivo viabilizado a partir do apoio externo do homem, que lhe permite ter cuidado por um humano o sofrimento de seu corpo.

A árvore não tem acesso à imagem desse homem e só pode construir a

representação dele por meio de seu processo de imaginarização, baseada em alguns aspectos perceptivos, principalmente por meio de sua voz, mas também utilizando outros sentidos, como o tátil, através de seus galhos mais baixos que podem tocá-lo. O som é registrado através da vibração sentida por suas folhas e há uma percepção não somente do tom vibrado e da melodia, mas também do conteúdo das falas humanas. Mas a árvore não tem como falar ou se fazer perceber.

É interessante pontuarmos a dificuldade de acesso de Tito à imagem dos outros, fato este enfatizado por ele em seus textos autobiográficos. No conto, a árvore não tem acesso ao campo visual dos outros seres, compensando parcialmente tal obstáculo pela invenção de percursos alternativos para construir uma representação destes e de si mesmo, alicerçados, primordialmente, nos inputs sensoriais táteis e sonoros. São essas modalidades de registro que são utilizadas como base do trabalho imaginativo para o acesso aos sentimentos dos outros e ao campo de suas representações mentais, sendo que, a partir desse arcabouço de dados construídos sobre os outros, é possível ao narrador-Tito-árvore sentir empatia e estender seus pseudópodes ainda mais em direção aos outros.

A transformação da árvore-mente em uma árvore-cigana

No fim do conto, a árvore-mente pode realizar seu desejo de se movimentar mesmo que somente através de sua imaginação. Ela se torna, então, uma árvore-cigana em seus sonhos. Assim como os ciganos que a árvore inveja por serem felizes por terem nascidos livres, a árvore-cigana pode em sua mente caminhar para todos os lugares e viver a vida livre, sem estar fixa no chão

É interessante o fato de que esse percurso de imaginarização está presente em vários textos autobiográficos nos quais Tito elabora sua maneira de poder habitar o mundo e o corpo próprio. É se tornando uma mente cigana, imaginativa, que Tito pode apreender o mundo e construir seu percurso subjetivo singular, por meio de sua literatura.

A mente-cigana é remetida por Tito à possibilidade de ter um “coração cigano” (Mukhopadyhay, 2011a, p. 190) de onde se originam suas histórias. É interessante o coração ser justamente tanto o órgão físico utilizado cotidianamente para ilustrar o centro do corpo que

assegura a vitalidade do organismo e a circulação do sangue que nutre o corpo através de suas batidas que geram movimento quanto o termo cotidianamente utilizado para a figuração do afeto humano. Da premência de uma inércia e de uma desconexão entre pensamentos e corpo, surge para Tito a construção de uma compensação por meio do trabalho de imaginarização personificado pela árvore-mente.

A libido no (não) enodamento entre o corpo do autista e a linguagem

A presença da solidão e do isolamento em um mundo à parte são manifestações clássicas do autismo. O encapsulamento autístico é um mecanismo de defesa que pode, entretanto, ser rompido em certas condições, que respeitem a temporalidade de cada singular autista para poder abaixar os muros autísticos que asseguram o sentimento de estar protegido de um mundo vivido como demasiadamente caótico, com as ameaças ilustradas no risco existencial da árvore-mente, sujeita a ter seus galhos quebrados, as raízes arrancadas, de não ter seus pedidos de ajuda atendidos e de não ter seu sofrimento escutado. Este texto apontou as descrições de Tito acerca de seu funcionamento psíquico, enquanto contribuições para pensarmos as condições nas quais é possível ao

autista com sintomatologia clássica do autismo designado de baixo funcionamento poder estender seus pseudópodes e sair do isolamento autístico.

Como o autista pode se apropriar do fluxo de energia vital? O campo psicanalítico tem descrito o corpo do autista enquanto desconectado do campo da libido. Nesse âmbito, a psicanalista Kupfer (2004) sugere pensarmos que em decorrência de uma ausência de um enodamento entre seu corpo e a linguagem, o autista mantém um esquema corporal independente da construção da imagem do corpo próprio, cuja constituição está imbricada à constituição egoica e ao espelhamento viabilizado pela alienação ao Outro.

Podemos retomar alguns elementos da árvore-mente para tentarmos avançar essa questão problemática no campo do autismo. No contato com a terra, a árvore pode sentir o pulsar do coração da Terra, mas há a impossibilidade de se apropriar dessa energia vital. Por sua escrita, ele tenta inventar maneiras de poder se apropriar da energia vital.

No conto, através de seu coração, a árvore pode coletar energia da natureza, que é então, transmitida por todo o corpo. Os pseudópodes raízes e folhas permitem o contato com o outro enquanto fonte de vitalidade e fonte de uma essência existencial, mas a árvore não consegue se apropriar dessa energia, embora uma parte dela possa circular por seu corpo, assegurando sua existência ou os movimentos involuntários mínimos necessários para a sobrevivência.

Nesse contexto, o conto retrata diversas tentativas psíquicas de se apropriar da libido. No entanto, enquanto a árvore-mente não pode se apropriar libidinalmente do corpo por falta da marca (simbólica) do traço do outro, permanece com essa dificuldade de apropriação da libido. No entanto, podemos tecer a hipótese de que a busca de Tito, por meio da árvore, pode ser situada na busca da inscrição de um traço imaginário do outro, que lhe viabilize uma forma de se apropriar da libido.

A inscrição dessa marca do outro no campo do imaginário pode viabilizar a alienação imaginária que

operacionalize a viabilidade de um investimento narcísico. Nesse âmbito, o exemplo de Tito pode nos permitir tecer uma hipótese: a de que a própria escrita de Tito operacionalize a construção de um anteparo imaginário no qual ele possa inscrever uma identificação compensatória, uma apropriação gestáltica de si e a construção egoica.

No caso do autismo, o psicanalista Maleval (2009) tem fundamentado essa hipótese da viabilidade de uma identificação e construção da imagem de si compensatórias no autismo, baseada na ideia de que a função de espelhamento pode ser compensada no campo do autismo, por meio de invenções que operacionalizem uma alienação imaginária. Nesse contexto, ele abarca detalhadamente o exemplo da escritora autista Donna Williams, em relação a quem afirma que por meio de sua escrita, ela realiza um tratamento pelo imaginário viabilizando o que o psicanalista designa como uma suplência do falo imaginário e da ausência de investimento narcísico na imagem.

Através da publicação e escrita de seus livros autobiográficos, o psicanalista afirma que Donna realizou um trabalho psíquico de perda de uma parte de si, de um objeto cedido que lhe permite uma compensação no campo imaginário, permitindo a integração de seu reflexo no espelho, o tratamento imaginário da perda do objeto cedido e da completude fálica no espelho que propicia a unificação

da imagem de si e uma apropriação do corpo próprio. Essa inscrição da perda foi viabilizada por uma etapa preliminar na qual houve uma alienação imaginária de Donna a seus duplos (no caso, personificados em dois personagens, Carol e Willie) que são designados por ela mesma como seus alteregos.

Nesse sentido, podemos formular que ao escrever a história da árvore-mente que vira árvore-cigana, Tito está não somente descrevendo seu funcionamento psíquico, mas operacionalizando ele mesmo um anteparo identificatório. Se a ausência da constituição de uma reserva de libido à disposição do ego é destaque na clínica do autista encapsulado, a partir da hipótese de Maleval (2009) podemos sugerir a viabilidade da aquisição compensatória desse reservatório libidinal a partir de uma alienação compensatória imaginária, que permite transformar a libido em narcísica, constituindo um núcleo de investimento que pode criar barreiras para a descarga desconectada da energia, que outrora não podia se depositar no reservatório de libido.

Se considerarmos a própria escrita de Tito como um esforço de invenção de um anteparo identificatório, podemos retomar as formulações de Kupfer (2004) acerca de uma doença ou uma falha da libido concomitantes à não constituição da imagem corporal no campo do autismo, e tecer a hipótese de que no caso de alguns autistas como Tito, a escrita sobre a

árvore-mente e o trabalho identificatório envolvido na relação com esse duplo são esboços de construção de uma imagem corporal compensatória, viabilizada por uma alienação, não simbólica, mas imaginária, para ele poder se apropriar da libido.

A psicanalista Soler (1999, p. 228) afirma que “o autismo é uma doença da libido... O organismo não está em pane. É a animação pulsional o que não vai adiante”. Nesse âmbito, retomamos nossa hipótese da viabilidade de uma identificação mimética que permita ao autista alterar sua relação com a libido. A edificação de um ego compensatório alicerçado nas marcas dos outros enquanto alteridades que se inscrevem em seu psiquismo e se tornam parte de seu aparelho psíquico originam um movimento de investimento narcísico dessas alteridades que se tornaram parte do próprio eu, de modo que a construção egoica se desdobra em um investimento libidinal nesse reservatório egoico constituído de diversas identificações que se solidificam concomitantemente à constituição de sua imagem de corpo próprio, de seu ego e do surgimento do narcisismo, viabilizando uma apropriação da energia libidinal por meio da inscrição de um traço imaginário do Outro (esse Outro humano imaginário que deu origem e nome à árvore) que viabiliza um enodamento de corpo e linguagem no autismo.

Em vez da especularização viabilizada por outro humano, este texto tece a hipótese de que os dispositivos de tratamento imaginário inventados por Tito, por meio de sua escrita e da invenção de sua árvore, são tentativas subjetivas para lhe permitir se inventar um anteparo em que possa se

ver enquanto uma Gestalt, sem ter que usar o intermédio de outro humano. Na esteira de outras invenções de substitutos que viabilizam a apreensão global de si por meio de uma alienação à imagem do outro, este texto tece a hipótese de que a árvore-mente/árvore-cigana operacionaliza uma imagem autoinventada por Tito que, ao ser escrita e publicada, favorece essa apropriação global de uma imagem de si, por meio de um anteparo imaginário que não se operacionaliza pelo olhar de outro humano e não implica a incorporação de seu traço simbólico.

A escrita como anteparo identificatório que pode viabilizar uma apreensão gestáltica de si

Este texto, construindo a hipótese de que Tito utiliza a escrita enquanto anteparo para um espelhamento compensatório, afirma que o conto sobre a árvore exerce o papel de anteparo para a inscrição da imagem de outro-árvore como um modelo de identificação que alicerça o surgimento de uma Gestalt que forma e molda a relação com o próprio corpo e com os outros, o que lhe possibilita um modo de sair do isolamento autístico e se relacionar com as pessoas por meio do molde fornecido pelo outro.

Nesse mesmo sentido, em Donna, após a apropriação dos traços dos outros e a inscrição da alteridade, houve a incorporação de características desse outro, alterego, ancorando uma construção egoica composta de diversos traços incorporados, na origem de uma Gestalt. Essa apropriação dos traços do outro operacionaliza uma identificação que alicerça no aparelho psíquico o precipitado constituído por esses traços dos outros que podem ser investidos e que exercem um papel organizador e operacionalizador de uma nova dinâmica no aparelho psíquico.

Nesse contexto, notamos nos textos autobiográficos de Tito, assim como nas autobiografias de outros autistas como Donna, que há a inscrição mutativa das funções

psíquicas através da constituição de um anteparo que viabiliza um processo identificatório de apropriação gestáltica de uma imagem de si. Não se trata, portanto, de uma Gestalt operacionalizada pelo rosto materno, ou de outro humano exercendo a função materna, mas de um espelhamento que viabiliza a construção de uma imagem narcísica de si, não espelhada em outro humano, mas na árvore-mente que pode se tornar uma árvore-cigana.

O conto de Tito retrata a viabilidade de uma filiação que não se dá por uma genealogia histórica, pela atribuição simbólica de um sobrenome familiar, mas que surge de uma semente vinda com o vento. Não somente no conto a árvore se autogermina ou se inventa uma filiação original, independente do outro simbólico, mais próxima de um autodidatismo originário ou de uma autoria original de si mesmo, como operacionaliza um espelhamento compensatório autoinventado, usando o intermédio da escrita como alicerce para esse tratamento imaginário.

Além do tratamento do/pelo imaginário, a escrita de Tito levanta vários questionamentos acerca de como tem sido abordado o funcionamento psíquico do autista. No contato da árvore com o mundo, é premente sua sensibilidade ao sofrimento do outro e a empatia. Embora paralisado e sem poder se apropriar do corpo para agir, o narrador insiste na capacidade da árvore se preocupar pelos outros humanos, e em quão tocada ela é pelo sofrimento psíquico e pelo desamparo humano.

É premente na autobiografia de Tito, assim como na de vários outros autistas escritores, que se por um lado, eles manifestam uma impossibilidade de ler na face dos outros quais são suas emoções, por outro, isso não quer dizer que não sejam capazes de empatia, ou que não se preocupem com os outros, como ilustrado nos movimentos de acolhimento que a árvore oferece ao sofrimento do outro, ou seu desespero por não poder aliviar suas dores. Nesse âmbito, Tito destaca que tem outra maneira singular de se relacionar e apreender os outros: a árvore não pode se relacionar com as máscaras sociais e tem dificuldade até em visualizar os outros, mas seus

galhos sentem o sofrimento destes, retratando um contato genuíno com a vivência emocional do outro em um âmbito pré-representacional.

Por meio da identificação compensatória no campo imaginário e a viabilização da própria escrita enquanto anteparo, este texto elaborou que o autista escritor Tito realiza, através da escrita, um percurso subjetivo ao longo do qual tenta alicerçar a construção da imagem do outro e de si próprio, mediante sua apropriação gestáltica da imaginarização de seu duplo, utilizando como anteparo a elaboração e publicação da escrita desse conto.

Considerações finais sobre os efeitos terapêuticos da escrita de Tito

Para além do processo elaborativo subjetivo concretizado por meio da escrita, o fato de Tito se tornar um contador de histórias também tem efeitos em suas relações com os outros. O lugar social que Tito ocupa após a publicação de seus livros muda. Segundo ele próprio enfatiza em seus textos autobiográficos, ele deixa de ser visto como um exemplo de debilidade mental para ser visto como um escritor.

Podemos concluir, salientando que a literatura de Tito é um trabalho autoral, marcado por um estilo singular do escritor-Tito, de sua criatividade

na maneira de apreender o mundo e inventar suas histórias. Além de estabelecer vias para a saída, mesmo que parcial, do isolamento autístico, a escrita de Tito permite que se tenha uma via de acesso ao escritor, para além da aparência de isolamento em uma fortaleza autística e de comportamentos bizarros. Pode-se, por meio de sua literatura, encantar-se com a criatividade e a liberdade do autor Tito, assim como Primavera encantou a árvore-mente com sua alegre liberdade.

THE THERAPEUTIC WRITING OF THE AUTISTIC WRITER
TITO MUKHOPADHYAY

ABSTRACT

This paper analyzes the texts written by Tito Mukhopadhyay, autistic-writer, which are portraits of his struggle to liberate himself from the autistic isolation, addressing mirroring and identification with imaginary doubles as pillars of the constitution of an image of self-body in autism. The invention of Tito's writings portrays the therapeutic effects of writing, highlighting its importance as a major tool for (self-)treatment in autism, giving us clues about the conditions, which make possible leaving the autistic isolation, through those various created strategies that, with a relative effectiveness, allow him to keep his pseudopods extended towards others.

Index terms: *psychoanalysis; autism; body.*

LA ESCRITURA TERAPÉUTICA DEL AUTISTA-ESCRITOR
TITO MUKHOPADHYAY

RESUMEN

En este trabajo se analizan textos del autista-escritor Tito Mukhopadhyay que reflejan la lucha para liberarse del aislamiento autístico, y se plantea el espejo y la identificación con los dobles como pilares de la constitución de una imagen de cuerpo propio en el autismo. La invención de la escritura de Tito evidencia los efectos terapéuticos de la escritura y destaca su importancia como una potente herramienta para el (auto)tratamiento del autismo, y nos da indicios de las condiciones bajo las cuales se puede encontrar una salida para el aislamiento autístico, por intermedio de sus varias estrategias inventadas, que, con una eficacia relativa, le permiten mantener sus pseudópodos extendidos hacia los otros.

Palabras clave: *psicoanálisis; autismo; cuerpo.*

REFERÊNCIAS

- Kupfer, M. C. M. (2000). Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. *Psicologia USP*, 11(1), 85-105. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642000000100006>
- Kupfer, M. C. K. (2004). Autismo: uma estrutura decidida? Uma contribuição dos estudos sobre bebês para a clínica do autismo. In *Anais do 5º Colóquio do LEPSI IP/FE-USP*. Recuperado de <http://bit.ly/2ejRDtP>.
- Maleval, J-C. (2009). *L'autiste et sa voix*. Paris, France: Éditions du Seuil.
- Mukhopadhyay, S. (2011). In T. R. Mukhopadhyay, *The gold of the sunbeams: and other stories* (pp. vii-xii). New York, NY: Arcade Publishing.
- Mukhopadhyay, T. R. (2011a). *How can I talk if my lips don't move?: inside my autistic mind*. New York, NY: Arcade Publishing.
- Mukhopadhyay, T. R. (2011b). *The gold of the sunbeams: and other stories*. New York, NY: Arcade Publishing.
- Mukhopadhyay, T. R. (2011c). *The mind tree: a miraculous child breaks the silence of autism*. New York, NY: Arcade Publishing.
- Soler, C. (1999). Autismo e paranoia. In S. Alberti (Org.), *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo* (pp. 219-232). Rio de Janeiro, RJ: Marca d'Água.
- Wing, L. (2011). In T. R. Mukhopadhyay, *The mind tree: a miraculous child breaks the silence of autism* (pp. ix-xii). New York, NY: Arcade Publishing.

mbialer@hotmail.com
Rua Dr. Homem de Melo, 407 /71
05007-001 – São Paulo – SP – Brasil.

*Recebido em abril/2015.
Aceito em junho/2016.*